

# Maria Bethânia - Carta de Amor

tom:

G

Eu tenho zumbi, besouro o chefe dos tupis  
Sou tupinambá, tenho erês, caboclo boiadeiro  
Mãos de cura, morubichabas, cocares, arco-íris  
Zarabatanas, curarês, flechas e altares  
A velocidade da luz no escuro da mata escura  
O breu o silêncio a espera  
Eu tenho Jesus, Maria e José  
Todos os pajés em minha companhia  
O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos  
O poeta me contou

Não mexe comigo que eu não ando só  
Eu não ando só, eu não ando só Não mexe não

Não misturo, não me dobro a rainha do mar  
Anda de mãos dadas comigo  
Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim

É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre o meu corpo  
Garante meu sangue, minha garganta  
O veneno do mal não acha passagem  
E meu coração Maria acende sua luz e me aponta o caminho

Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã  
Giro o mundo, viro, reviro, tô no recôncavo, tô em face  
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma  
Traço o cruzeiro do sul, com a tocha da fogueira de João  
menino  
Rezo com as três Marias

Vou além me recolho no esplendor das Nebulosas  
Descanso nos vales, montanhas, durmo na forja de Ogum  
Mergulho no calor da lava dos vulcões, corpo vivo de Xangô

Não ando no breu nem ando na treva  
Não ando no breu nem ando na treva  
É por onde eu vou que o santo me leva  
É por onde eu vou que o santo me leva  
Não ando no breu, nem ando na treva  
Não ando no breu, nem ando na treva  
É por onde eu vou que o santo me leva  
É por onde eu vou que o santo me leva

Medo não me alcança, no deserto me acho  
Faço cobra morder o rabo, escorpião virar pirilampo  
Meus pés recebem bálsamos, unguento suave das mãos de Maria  
Irmã de Marta e Lázaro, no Oásis de Bethânia  
Pensou que eu ando só?

Atente ao tempo

Não começa nem termina, é nunca, é sempre  
É tempo e reparar na balança de nobre cobre que o rei  
equilibra  
Fulmina o injusto, deixa nua a justiça

Eu não provo do teu féu, eu não piso no teu chão  
E pra onde você for, não leva o meu nome, não  
E pra onde você for, não leva o meu nome, não  
Eu não provo do teu féu, eu não piso no teu chão  
E pra onde você for, não leva o meu nome, não  
E pra onde você for, não leva o meu nome, não

Onde vai, valente?  
Você secou, seus olhos insones secaram  
Não vêem brotar a relva que cresce livre e verde  
longe da tua cegueira  
Seus ouvidos se fecharam à qualquer música, qualquer som

Nem o bem, nem o mal, pensam em ti, ninguém te escolhe  
Você pisa na terra mas a sente, apenas pisa  
Apenas vaga sobre o planeta  
E já nem ouve as teclas do teu piano  
Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona  
Não tem alma... você é o oco do oco, do oco, do sem fim do  
mundo

O que é teu já tá guardado  
Não sou eu que vou lhe dar  
Não sou eu que vou lhe dar  
Não sou eu que vou lhe dar  
O que é teu já tá guardado  
Não sou eu que vou lhe dar  
Não sou eu

Eu posso engolir você, só pra cuspir depois  
Minha fome é matéria que você não alcança  
Desde o leite do peito de minha mãe  
Até o sem fim dos versos, versos, versos  
Que brota do poeta em toda poesia sob a luz da lua  
Que deita na palma da inspiração de Caymmi

Quando choro, se choro  
É pra regar o capim que alimenta a vida  
Chorando eu refaço as nascentes que você secou  
Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio  
Vivo de cara pra o vento na chuva e quero me molhar

O terço de Fátima e o cordão de Gandhi cruzam o meu peito  
Sou como a haste fina que qualquer brisa verga  
Mas nenhuma espada corta

Não mexe comigo que eu não ando só  
Que eu não ando só, que eu não ando só  
Não mexe, não

## Acordes

